

LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

SÁ CARNEIRO

Para merecer a sympathia e a consideração bastam qualidades que salientem um coração.

A bonalade simples e a honradez ingenua criam, em volta de quem as possui, uma atmosphera respeitosa mas levam, quasi sempre, a uma passividade algo desharmonica com o espirito da moderna sociedade.

Esses bons e honrosos presenciaam, confrangidos pela dor, as injustiças sociaes; vêem, com melancolico olhar, o desconjunctar das sociedades; assistem desolados ao amescuihar dos grandes ideaes; lamentam com voz dolorida e gemente o egoismo que tudo domina.

São os moralistas austeros que—á pacata meza do wist ou em intimas cavaqueiras—estigmatizam vibrantes de indignação os desvarios d'uma sociedade corrupta e soluçam queixumes dolentes contra a hypocrisia social.

E quando a sensibilidade se lhe embota e o desanimo os invade adquirem essa boudosa indifferença que se traduz na phrase cobarde—«laissez faire, laissez passer».

São immaculados e puros, constituem symbolos de honradez—mas permanecem na eterna immobilidade.

E desde que o *bellum omnium contra omnes*, manifestando a realidade da vida, adquiriu foros de axioma os homens medem-se e aquilantam-se pelas faculdades de lucta que possuem e pelas qualidades de resistencia que mostram.

N'estas condições a consideração e o presti-

gio pertencem exclusivamente aos dominadores.

Mas o dominio só vem com a victoria e esta pertence aos lutadores ardentes, aos trabalhadores infatigaveis, ás vontades energicas e persistentes.

Não bastam para adquiril-a a bondade captivante e a candida honradez, é preciso tambem a intelligencia que determine, a actividade que opere e a energia que sustente.

O individuo assim constituídos alcançam os grandes triumphos e gosam as su premas alegrias.

Subir, pelo esforço proprio, ás culminancias da sociedade em que vivem, conquistar, exclusivamente pelo trabalho, posições eminentes, são factos que enebriam como o champagne e alegam como a felicidade.

E esta alegria da victoria, e esta embriaguez do triumpho deve—legitimamente, sentil-a o dr. Joaquim Gual-

berto de Sá Carneiro, de quem a *Lagrime* publica hoje o retrato.

E' um lutador d'uma envergadura de tal ordem e d'um caracter de tão rija tempera que os seus triumphos são rapidos e seguros.

Intelligente, activo e energico, a sua individualidade poderosa deixa traços indeleveis em todos os assumptos em que se ingere.

Foi administrador do concelho e n'este logar, libertando-se das peias politicas, fez administração recta e energica.

Advogado, a sua vastissima erudição e os seus profundos conhecimentos da sciencia juri-



dica, collocam-no na primeira plana entre os mais notaveis advogados do nordeste.

Apaixona-se pelas causas que patrocina e trata-as com um calor e um interesse inegualavéis.

Como presidente da commissão administradora do Recolhimento do Menino Deus, tem presta-lo a esta casa—a que eternamente ficará vinculado o seu nome—serviços importantissimos.

De inutil e lugubre claustro transformou-a em sympathica e utilissima instituição de educação de creanças orphãs e desvalidas, prestando assim um serviço relevantissimo á causa da civilização e da moralidade.

E' emfim um homem na mais larga e nobre accepção da palavra.

A. Monteiro.

NOTAS DO MEZ

A vida humana, na pachorrenta e pacovia sociedade portugueza, seria de uma banalidade, de uma prolixidade mortificante, se não foram umas certas esguichadellas que, de quando em quando, a troça indigena nos arremessa ás ventas quando menos as esperamos. Sem taes desopilativos morreriamos, com certeza, de tedio.

Uma d'estas esguichadellas foi o caso das reclamações a proposito da inscripção para o recenseamento dos eleitores, n'este concelho.

Palavra d'honra: não esperava a *Lagrima* que uma coisa de per si tão rapada de graça desse afinal pé para tanta pilheria.

Os filhos de Passos (ó morto perdoae; deixae os lá,) berram que se demonstre se os padres sabem effecivamente ler e escrever.

Uma demonstração á prova de exame publico perante mestre era o que em taes casos se impunha.

Faz-se a chamada.

O sr. Juiz de Direito será pela força das circumstancias o examinador.

Os examinandos, padres e não padres, amigos e desconhecidos, pois que a varias classes foi a solerte reclamação esgaravatar eleitores analphabetos, lá se reunem, vestida a japona domingueira, no tribunal d'esta comarca, a fim de patentarem a respectiva habilitação em materia orthographica.

Era um singular espectaculo ver aquelles illustres *pequenos* abanca-los—deante da austeridade de um magistrado—de caneta em punho, promptos a saltar ao papel, para o primeiro signal de s. ex.^a.

—«Escrevam lá, meus meninos»; rompeu o sr. dr. Juiz.

Os metaes mergulharam rapidamente nas tintas.

Quarenta cabeças arrebitaram em attenciosa audição as respectivas orelhas.

E s. ex.^a ditou em voz compassada e bém syllaba linha:

—«A capacidade juridica adquire-se por nascimento.»

—«A *capa que*, sr. Manuel Francisco»: diz um dos examinandos tocando com o cotovello no braço do da esquerda.

—«A *capacidade* juridica...» repetiu s. ex.^a notando o movimento do inquieto rapaz.

Todos escreveram.

Eram verdadeiramente pennas eleitas aquellas que alli estavam a escrever a substancial oração de direito commum.

—«Mas que diabo quererá dizer o sr. dr. Juiz com aquella pia lá da *capa*?» dizia um recenseado que, por não saber na lá da grammatica do sr. Bento d'Oliveira, fora em tempos passallos mestre escola official.

—«Pouco restolho, meninos, disse s. ex.^a. Escrevam lá mais esta»: (E ditou mais esta): «Só o homem é susceptivel de direitos e obrigações.»

E os miserandos lá escreveram mais aquella.

—«O' seu João, faça favor de pegar na penna d'outra maneira. Desencotinho-me esse dedo. Esten lá, estenda para deante.»

Tudo desencotinho.

—«Mais outra, meus senhores: «A lei é igual para todos sem distincção de pessoas» Mais outra ainda; tenham paciencia! E' necessaria esta prova, como é necessario o pão para a bocca (Quando o sr. dr. Juiz fallou em *pão para a bocca*, ouviu-se um bocej) repetiu-se em quarenta e cinco por aquela salla fóra) Mais outra; attenção: «O usufructo pode ser constituído condicional ou puramente.»

Etc... etc, etc... etc... etc.

Os examinandos deram na verdade varia sinca na orthographia patria.

Quanto á substancia dos themas era boa, feculenta, lardacea, era substancia capaz de impantorrar o sr. Pina Vaz, se o sr. Pina impantorravel fosse.

Mas para aquella gente...

O' sr. Juiz, pelo divino amor de Deus...

A *Lagrima*, se lhe fosse dado metter-se onde não era chamada, haveria dicado aos examinandos o seguinte: (e isto sem preambulo algum; encotinhado ou desencotinhado o dedo).

«Caro compadre e sr.

Muito estimarei que ao fazer d'esta esteja no goso de uma perfeita saude, pois a minha ao fazer da mesma estou bom, vamos andando. Compadre, cá recebi a sua muito estimada carta, etc., etc., etc....»

Todo o mundo entendia, caixeiros e não caixeiros.

Mas emfim acabou-se.

A culpa nem é do dr. Juiz, nem é dos brutos.

A LAGRIMA

A culpa é de quem não é ainda assim burro de todo.

A scena repetiu-se no outro e no outro dia. Os mesmos temas, orações semelhantes, «o sol e a capacidade juridica» e a «lei e o usufructo».

Esta foi uma das esguichadellas.

A outra foi a do padre das rolhas.

Eu vou já dizer como foi.

Em Gallegos andou um missionario em prelecção.

Os de Gallegos estavam na verdade muito precisados de missionarios á altura do alto fim de conduzir para o aprisco um grande rebanho tresmalhado. Tanto á altura era o reverendo que destapa da benta cabeça o seguinte e conceituoso accorde:

— ..«Nem a cortiça de quantos sobereiros ha em Portugal, convertida em rolhas, chegava para tapar a bocca aos malfizentes.»

A *Lagrima* dá a sua palavra d'honra de que não houve alli em Gallegos quem mettesse uma rolha, de qualquer substancia aromatica, na bocca que tamanha oratoria exprimiu.

NO FUTURO—(A minha irmã)

*Espera uns anno mais. Quando da vida
O primeiro vingures, culminante,
Has de volver então para o distante,
Tris e passado a vista dolorida*

*Ao longe, ao longe, muito ao longe a erguida
Casa verás em que brincaste, infante,
A' sombra amiga de arvore gigante,
Que o raio sobre o chão prostrou vencida,*

*Nos abyssos sem fim do pensamento,
Resondan to tu'alma angustiada,
—Como quem sonda as mais profundas aguas—*

*Has de vel-a sorrindo um tal momento;
Forém, do tempo que passou, saudosa—
De tantas dores e de tantas migoas.*

Fernando de Sá Vianna.

No penultimo domingo foi a Tuna Barcellense a Fão, dentro d'um carro de burros do Augusto.

O Ayres, consul de Paraguay em S. Martinho de Vila Frescainha, manifestou desejos de ir na companhia dos tunantes.

Foi-lhe, por isso, cedido bizarramente um logar.

Como o Ayres faltasse á hora combinada, na Praça de D. Pedro V, para seguir viagem, julgou-se a principio que tivesse adiantado caminho a pé.

Até Espozende não appareceu o nosso amigo. Para andar mais que os burros, impossivel.

Soube-se depois que tinha ido pelo telegrapho.

Adiantou muito, e só gastou 3 vintens na primeira palavra e 10 reis nas seguintes.

A gente que compõe a Tuna cumprimentou, por isso, o Ayres, e chegou a dizer que se elle tivesse vinho no *automovel*—carro do Abel—puchalo pelos burros do Seraphim, ainda a esta hora esava na Franqueira.

Em Espozende a Tuna exhibiu-se muzicalmente n'uma casa que foi hotel, e agora é hospedaria particular de quatro brazileiros.

Após isto foi para Fão.

Na marcha uma mulher ao reparar que o Arnaldo Braz tinha a cara como um biscoito de pataco, (inchada, como, scientificamente, diria o Albino) offereceu-lhe uma garrafa de aguas ferreas.

Deu isto tão bom resultado que o nosso amigo usando desde esse dia papas de linhaca nos queixos, acha-se hoje consideravelmente melhor.

A proposito.

A Tuna Barcellense fez bem em tomar conta do Arnaldo Braz para o seu convívio fraternal de muzica.

Toca elle tão bem d'ouvido como não é capaz de tocar por muzica o S. casaes.

Em Fão a Tuna fez uma figura magnifica.

Quando entrou no povoado todos se lembraram d'um poeta qualquer recitar debaixo do sino da igreja parochial uns versos de boas-vindas.

Parece que foi por suggestão!

Esava proximo um individuo em mangas de camisa, subiu á torre e recitou aquelles de Thomaz Fibeiro que principiam assim: «Mais vinho que é sangue virgem», etc.

O Ayres ficou maravilhado com a historia.

Pareceu-lhe a principio um phonographo.

Subiu á torre, illudido, e para mostrar que não encavacou com a descoberta do logro, tocara, com muito mimo, na garrida, um trecho da «Carmen».

Eram horas de comer e a ceia estava encomendada no melhor hotel da localidade.

A pedido, do sr. Antonio Araujo, em antes de se principiar a comer, a Tuna tocou o hymno fãosense.

O *menu* constou de bacalhau com batatas, ovos e hortaliça, e bifes (e porque preço...).

Quando o Ayres entrou na sala já todos tinham comido, o que foi pena, por a sua companhia ser, nas refeições, um aperitivo como os pimentos o são e as azeitonas.

O dono do hotel ficou varado ao ver uma nodoa de vinho, em circulo, alarada na toalha da meza da refeição de que se trata, motivada pelo entornamento d'um copo que continha o precioso liquido.

A 400 reis!

Imprime-se na typographia Barcellense o milheiro de fêchos.
A 400 reis timbram-se 1000 cartaz.

—«Que é isto aqui», disse.

—«E' o reflexo do candieiro», responderam-lhe.

A Tuna tocou em casa do dr. Moreira Pinto, que deu á rapaziada um *maduro* capaz de resuscitar Lazaros.

Tocou no Club Mousinho, etc.

E regressou a Barcellos.

O Ayres deu á Tuna a honra da sua companhia, despedindo-se em S. Martinho d'ella.

P. S.—O constructor naval Borda pôz á disposição da Tuna o seu hiate de recreio, que foi acceto para os tunantes vêrem a perspectiva de Fão; semelha uma toalha de rosto, esten lida, cheia de barrélas. Dentro do magnifico barco o Ayres tentou, agarrado ás amuras, balanceal-o a ver se elle metia agua por traz. Estava na camara do capitão, o Bóbó, pequeno, e como tem lido nos jornaes que em taes casos solemnes, como o presente, se quebram garrafas de champagne, (es:ilo figura-lo), vendo uma duzia d'ellas pegou n'uma e quebrou-a, batendo com ella no convez.

Quando a Tuna se *desapeiou* do hiate, fazia-lhe guarda de honra o corpo de meninos orphãos a cavallo.

O critico precisa, sobretudo, de ser igual ao criticado, quando não possa ser superior.

Na analyse dos factos deve sempre pôr em evidencia a percepção subtil.

Debaixo de um só fito salientar á flôr da prosa os porquês d'aquilo que motiva reparo.

Dizer que uns versos são producto d'um selvagem na esthetica ou na idéa, porque não agradam ao eu de quem o declara, isto sem considerações que possam convencer ou não convencer outrem, não é critica.

Quem isso lêr fica unicamente sabendo que o auctor de tal ou qual prosa não está bem impressionado como o que lêu, por não lhe afinar com o seu ser, o modo de ser d'outrem.

Quaes determinantes, as circumstancias?

Taes os reparos que nos merecem duas columnas de prosa cerrada de um Yago, na «Vida Nova», de Vianna do Castello, contra os versos de Alvaro Pinheiro, no seu livro «Amores Perfeitos».

Yago é o que pretende ser critico sem as qualidades apontadas; o que podia ser criticado é o Alvaro Pinheiro.

Transcrever duas quadras d'este individuo sem as analysar como que anatomicamente, não é bastante.

E isto porque Yago chama ao seu trabalho critica.

Ora apresentar, como defeituoso, á intelligencia do leitor, um producto, litterario, não é sufficiente.

Não basta a confissão do réo se é que o é...

Yago mostra, unicamente, que os versos não lhe agradaram, fazendo-lhe até mal aos nervos...

E para dizer isto rabeiou n'um estylo pesado e massudo, estendido em quasi meia pagina!...

Ha uma particularidade que muito influu no trabalho de Yago, é elle ter sido feito, segundo confessa, n'uma quartô andar (mais verdadeiramente aguas furtadas).

Ora se tudo n'este mundo é o producto do meio, o facto do escripto ser archietetado n'um ponto d'um predio onde as traves, barrotes, teias d'aranha e luz, chumbam o cerebro, não admira que Yago produzisse uma chateza litteraria.

E' certo que nos diz ter diante de si o panorama das bellezas de Vianna, mas, segundo a *lei d'optica*, as imagens vistas do alto e de longe tornam-se lilipatianas, insignificantes...

Yago nunca devia ter escripto dos versos de Alvaro Pinheiro, n'umas aguas-furtadas, e de mais a mais, como diz, «cheio de nervos», tinha mais vantagem, porisso, em se coçar em umtto arnal, em plena liberdade.

Yago tem cocciras...

«Ideal e Verdade», de Braga. Dous numeros cheios, de alguns, primorosos, escriptos. Parabéns ao nos so patriota Campos Lima, que, hoje, vai merecendo com justiça.

—«A Moda Illustrada». A custar por trimestre, em Barcellos, unicamente onze tostões, e a valer um milhão, devido á parte litteraria confiada a individualidades distinctas, assim como ás gravuras feitas por especialistas e que são duma nitidez irreprehensivel. Borda dá, um molde cortado, figurino colorido, tudo n'ella se encontra. Assigna-se em Lisboa na Rua Aurora, 1.º, 242.

—«Arts Livres», de Braga. O ultimo numero, que não se apresenta mal. Traz uns versos de Arthur Esmeriz, muito lindos.

—«Exercito Illustrado». Revista sahida em Barcellos, graças á perseverança e estudo, bem applicado, de Guedes. No seu genero a unica em Portugal. Se seguir no caminho encetado, hade necessariamente ter um futuro prospero. Photogravuras e uma gravura, bo a. A ligo com muita propriedade. Deve intereterassar á classe militar.

EXPEDIENTE

Em virtude da Photogravura Universal, de Lisboa, não nos ter fornecido regularmente os retratos que illustram a «Lagrima», só hoje é que podemos publicar este quinzenario.

—Pedimos aos nossos estimados assignantes o obsequio de satisfazerem a importancia das suas assignaturas, em debito, porque temos, por por estes dias, de pagar uma lettra á casa fornecedora de photogravuras.

—*Caloteiros*: Francisco Ribeiro, de S. Martinho. Pode ser juiz da confraria d'este santo porque é *devoto*... d'elle.

Antonio Augusto. D'esta villa por ter nascido no Campo dos Poreos.

Se tivesse vindo á luz na Galliza era duas vezes gallego: no nascimento e nas açôes.

Uma belleza!

O material estrangeiro chegado ultimamente á typographia Barcellense, proprio para facturas.

—Trabalhos a cores.